

Solange de Aragão

Orientadora:  
Profª. Dra. Raquel Glezer

*t*

TIPOLOGIA EDIFICATÓRIA EM  
SOBRADOS e MUCAMBOS, DE  
GILBERTO FREYRE

100

pós-

## RESUMO

Este artigo tem como ponto de partida a obra *Sobrados e mucambos*, de Gilberto Freyre. Pode-se dizer que se trata de uma releitura da obra do sociólogo no que diz respeito à arquitetura brasileira e à elaboração de uma tipologia edificatória. Interessam, aqui, as construções que corresponderam a diferentes formas urbanas e semi-urbanas de morar: o sobrado, o mucambo, a casa térrea, a casa de sítio ou de chácara, o sobrado de esquina, o *chalet*, o cortiço. No texto de Freyre, esses tipos habitacionais são analisados com o objetivo de revelar traços e aspectos da sociedade brasileira. Neste trabalho, tornam-se o objeto de estudo primordial, sendo analisados do ponto de vista da história da arquitetura no Brasil.

## PALAVRAS-CHAVE

*Sobrados e mucambos*, arquitetura brasileira, século 19, tipologia.

TIPOLOGÍA EDIFICATORIA EN  
*SOBRADOS E MUCAMBOS*, DE  
GILBERTO FREYRE

RESUMEN

Este artículo tiene como punto de partida la obra *Sobrados e mucambos* de Gilberto Freyre. Puede decirse que se trata de una relectura de la obra del sociólogo con referencia a la arquitectura brasileña y la elaboración de una tipología del edificio. Interesan aquí las construcciones que han correspondido a diferentes formas urbanas y semiurbanas de morar: el “sobrado”, el “mucambo”, la vivienda baja, la quinta, el “sobrado” de esquina, el chalé, el “cortiço”. En el texto de Freyre, esos tipos de habitación son analizados con el objetivo de revelar rasgos y aspectos de la sociedad brasileña. En este artículo, ellos son el objeto principal de estudio, y son analizados del punto de vista de la historia de la arquitectura brasileña.

PALABRAS CLAVE

*Sobrados e mucambos*, arquitectura brasileña, siglo 19, tipología.

BUILDING TYPOLOGY IN *THE  
MANSIONS AND THE SHANTIES* BY  
GILBERTO FREYRE

ABSTRACT

The current article is based on *The mansions and the shanties*, a book by Gilberto Freyre. To a certain extent, it is a reading of this sociologist's work regarding Brazilian architecture and the creation of a building typology. The current article investigates the buildings representing different urban and semi-urban dwellings in the 19<sup>th</sup> century: houses of two or more stories (the *sobrados*), shanties (the *mocambos*), one-story homes, country houses, street-corner houses, chalets, and slum tenements. In Freyre's book, these types of buildings are examined with the intention of revealing some aspects and characteristics of Brazilian society. In the current article, they become the object of study and are analyzed from the point of view of the history of Brazilian architecture.

KEY WORDS

The mansions and the shanties, Brazilian architecture, 19<sup>th</sup> century, typology.

## INTRODUÇÃO

Na época das publicações das primeiras edições de *Sobrados e mucambos*, uma das críticas levantadas em relação à obra freyriana dizia respeito a uma eventual simplificação dos tipos de habitação existentes no período em estudo ou à ausência de referências a outras formas de moradia, como, por exemplo, a tejudaba – espécie de cabana coletiva de influência indígena (FREYRE, 2006, p. 53)

Gilberto Freyre contra-argumentou que havia uma diferença de ponto de vista entre sua análise, sociológica, e os estudos de história da arquitetura civil no Brasil. O critério de estudo era outro. Para Freyre interessava reconstituir e interpretar a sociedade brasileira patriarcal a partir dos contrastes entre tipos de habitação e formas de habitar, entre tipos de residência e modos de vida (Idem, ibid., p. 54-5).

*“Do ponto de vista sociológico, pouco importa que variem não só designações como dimensões de casas nobres; ou o material, quase sempre precário, de construção das casas dos servos. Pouco importa que estes – os servos – fossem africanos ou indígenas, escravos ou ‘agregados’ reduzidos à condição de servos.”* (Idem, ibid., p. 65)

Outra crítica auferida foi a que apenas a um pequeno trecho do Brasil (ao “Nordeste” ou à “área Recife-Olinda”) seriam aplicáveis as generalizações do sociólogo (Idem, ibid., p. 68). Para Freyre, entretanto, os binômios “casa-grande-senzala” e “sobrado-mucambo” foram complexos transregionais no Brasil – “no sentido da superação da região natural ou da área geográfica por considerações de espaço social” (Idem, ibid., p. 70). Salientou, ainda, que seu estudo não era de cunho etnográfico, etnológico, étnico, econômico ou geográfico, mas sociológico (Idem, ibid., p. 70).

*“Que existem no Brasil consideráveis diferenças de região para região e até de sub-região para sub-região ou de província para província, nenhum estudioso de ciência social familiarizado com a situação do nosso país é capaz de negar. Somos, há anos, dos que vêm procurando pôr em destaque não só tais diferenças com a conveniência de as conservarmos, em vez de nos submetermos a qualquer espécie de nacionalismo anti-regional que tenda a esmagá-las ou anulá-las. Mas o estudo das diferenças não nos deve fazer abandonar, em estudos sociais, o do espaço social, dentro do qual podem estender-se complexos sociais, ou de cultura, de configuração própria e até caprichosa.”* (Idem, ibid., p. 73)

De fato, a leitura de *Sobrados e mucambos* indica uma predominância de informações e exemplos referentes antes às regiões Nordeste e Sudeste que às regiões Norte, Sul e Centro-Oeste do país, especialmente quando se leva em consideração o espaço físico, em vez do espaço social – de maior interesse ao sociólogo. Gilberto Freyre descreve e analisa, também, com maior nível de

detalhamento, duas formas de habitação: o sobrado e o mucambo, sendo este último característico da região Nordeste do Brasil. Mas apresenta outros tipos de moradia urbana e semi-urbana, principalmente aquelas de alguma forma relacionadas ao sobrado, ao mucambo ou mesmo à casa-grande e à senzala (analisadas em trabalho anterior). Trata, assim, da casa-grande de sítio, da chácara, das casas térreas, dos sobrados de esquina e mesmo do cortiço, estabelecendo relações entre um tipo de habitação e outro, entre os tipos de habitação e o entorno, entre os tipos de habitação e os tipos sociais a que davam abrigo. Desse modo, ainda que predominem as informações referentes a esta ou aquela região, a este ou aquele tipo de moradia (urbana, semi-urbana ou rural), não se pode negar a importância da obra freyriana para a historiografia da arquitetura brasileira, não apenas por ter sido precursora da tipologia edificatória entre nós, como também por se tratar de um dos primeiros trabalhos a analisar a casa brasileira, servindo de fundamento para teóricos e estudiosos da arquitetura.

Gilberto Freyre considera a casa de importância decisiva para a formação brasileira em diversos textos (além de *Sobrados e mucambos*), entre eles, *Casa-grande & senzala*, *Mucambos do Nordeste* e *Oh de casa!* (v. FREYRE, 1979, p. 42)

Em *Casa-grande & senzala*, Freyre faz observações relevantes sobre a criação de um tipo habitacional no Brasil: a casa-grande de engenho, com paredes de taipa ou de pedra, cobertura de telha-vã, alpendre na frente e nas laterais e telhados caídos, “num máximo de proteção contra o sol forte e as chuvas tropicais”. (FREYRE, 1936, p. 48) A casa-grande completada pela senzala, não obstante os antagonismos sociais existentes.

Em *Mucambos do Nordeste*, o sociólogo analisa a diversidade de técnicas construtivas e do material empregado, de acordo com a região onde foram implantados os mucambos, ressaltando que o tipo de mucambo varia não apenas segundo a predominância das influências culturais (indígenas ou africanas), mas em função da vegetação existente no entorno (FREYRE, s. d., p. 23-24). Trata-se de um texto específico sobre esse tipo de habitação que desenvolve determinados aspectos abordados em *Sobrados e mucambos*.

*Oh de casa!* reúne vários escritos de Freyre sobre a casa, alguns desses inéditos, outros publicados anteriormente como parte integrante de outras obras. Apesar de não apresentar as características de uma tipologia edificatória, o texto evidencia questões importantes como o singular interesse do sociólogo pela casa.

Segundo Freyre, seus trabalhos configuram uma “sociologia da casa brasileira” (FREYRE, 1979, p. 42). Para o sociólogo, a casa representa uma das mais significativas expressões da cultura brasileira, marcando a existência histórica do Brasil – menos como criação de arquitetos eruditos do que como expressão coletiva e anônima (Idem, *ibid.*, p. 43). A casa brasileira é o ponto de encontro do social com o pessoal, constituindo um “conjunto de valores, mitos, tradições, símbolos, social e regionalmente dispersos” (Idem, *ibid.*, p. 68). Por isso a casa, em toda a sua complexidade, tornou-se centro de interesse de diversos estudos freyrianos.

Gilberto Freyre seria, assim, o sociólogo da casa brasileira, por excelência. Teve seus textos lidos e apreciados tanto por arquitetos, que reconheceram a importância de sua obra, como por historiadores da arquitetura da categoria intelectual de Nestor Goulart Reis Filho e de Carlos Lemos, os quais, de certa forma, deram continuidade ao estudo da casa proposto por Freyre em *Casa-*

*grande & senzala* e em *Sobrados e mucambos*, do ponto de vista arquitetônico. Esta última é, aliás, uma das obras de Freyre de maior relevância para o estudo da arquitetura brasileira e, em particular, para o estudo da casa; traz, como elemento diferencial, o estabelecimento de uma tipologia edificatória, com a comparação e contraposição de tipos habitacionais e suas relações com o meio, o período histórico e a sociedade brasileira.

## CARACTERIZAÇÃO DOS TIPOS DE HABITAÇÃO DA OBRA *SOBRADOS E MUCAMBOS*

Em *Sobrados e mucambos*, Gilberto Freyre apresenta sete tipos de habitação comuns à paisagem brasileira do século 19: o sobrado, o mucambo, a casa térrea, o sobrado de esquina, o chalé, o cortiço, a casa de sítio ou de chácara.

O sobrado e o sobrado de esquina, a casa térrea, o chalé e o cortiço implantados no espaço urbano; o mucambo, nas áreas menos valorizadas da cidade ou em seus arredores; a casa de sítio ou de chácara a meio caminho entre a cidade e o campo. O sobrado e o sobrado de esquina, a casa térrea, o mucambo e as casas de sítio ou de chácara, comuns desde as primeiras décadas do século 19; o chalé e o cortiço se difundindo em fins do oitocentismo.

Ao analisar esses tipos de habitação, Gilberto Freyre dá lugar a uma tipologia edificatória, comparando uma casa com a outra, estabelecendo hierarquias, distinções e semelhanças entre os tipos habitacionais, e considerando, ainda, o meio em que estão implantados. Desse modo, avalia a “*a casa maior em relação com a menor, as duas em relação com a rua, com a praça, com a terra, com o solo, com o mato, com o próprio mar*” (FREYRE, 2006, p. 30).

### O sobrado

O sobrado da paisagem recifense era diferente do sobrado de Salvador, que, por sua vez, diferia dos sobrados implantados no Rio de Janeiro ou em São Paulo. Mas era sempre o sobrado – em oposição à casa térrea, ao mucambo, ao cortiço – a casa-grande patriarcal urbanizada.

Antes de tudo, é preciso salientar que o termo, como enfatizou Carlos Lemos, não designava apenas a construção de dois ou mais pavimentos. Inicialmente, indicava o “espaço sobrado” ou o espaço que se adquiria em virtude de um “soalho suspenso”, podendo estar acima ou abaixo desse piso – como nas construções implantadas em terrenos inclinados, que possibilitam a criação de um pavimento inferior, atualmente denominado “porão”, mas, segundo o significado mais antigo, também constituía um “sobrado” (LEMOS, 1996, p. 32-33).

O sobrado aparece nos anúncios de jornal desde os primeiros anos de consolidação da imprensa no Brasil, após a chegada da Corte, especialmente nas cidades litorâneas com maior número de habitantes, como Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

*“Quem quizer comprar huma morada de cazas de sobrado com frente para Santa Rita falle com Anna Joaquina da Silva, que mora nas mesmas cazas, ou com o Capitão Francisco Pereira de Mesquita que tem ordem para as vender.” Gazeta do Rio de Janeiro, 17 set. 1808.*

Nas primeiras décadas do século 19, era comum o aluguel de um dos pavimentos do sobrado para famílias inteiras, como se observa em vários anúncios de jornal do período:

*“Aluga-se o primeiro andar do sobrado nº 92 defronte do Convento d’Ajuda, acabado de novo, com huma boa salla forrada de papel, pintura de bom gosto, e com muito bons commodos: quem o quizer dirija-se a mesma.”* *Diário do Rio de Janeiro*, 26 jan. 1822.

*“Aluga-se o primeiro sobrado de huma casa, no beco dos Ferreiros na praia de D. Manoel n. 7, quem a quizer alugar falle com a dona das mesmas, que mora no segundo andar.”* *Diário do Rio de Janeiro*, 18 mar. 1822.

Desde os primeiros séculos de colonização, os sobrados sempre variaram, em relação à natureza do material, dependendo dos recursos de seus habitantes, do maior ou menor contato com a civilização européia e das características do solo onde se estabeleceram (FREYRE, 2006, p. 301).

Em São Paulo, predominaram os sobrados de taipa, com telhados de duas águas e largos beirais a proteger as paredes contra as águas da chuva; no Rio de Janeiro, em Salvador e Recife, os sobrados eram construídos de tijolo ou de pedra e cal. Na construção dos sobrados mais antigos, muitas vezes foram utilizadas as pedras de Lisboa – as quais vinham nos navios como lastro de carga. No Rio de Janeiro, empregou-se o granito das colinas mais próximas da cidade, *“fazendo-se argamassa de cal de mariscos com areia do mar e barro”*. Nas construções urbanas do interior, o barro predominou na argamassa; no litoral, predominavam o marisco e a areia (Idem, *ibid.*, p. 303-7).

Com o tempo, o material construtivo passou a ser elemento de diferenciação social, estando a nobreza da casa caracterizada pelo emprego de materiais mais duradouros em sua composição: *“pedra e cal, adobe, telha, madeira de lei, grade de ferro.”* (Idem, *ibid.*, p. 299)

*“Quem quizer comprar huma propriedade de casas de pedra e cal de tres andares, ás portas da Ribeira; e hum grande sobrado de pedra e cal á quintada da Ilha de Itaparica; e huma boa casa de campo de pedra e cal com seu quintal grande; venhão fallar com Francisco Salustiano Cordeiro de Araújo Frio.”* *Idade d’ouro do Brazil*, 14 jun. 1811.

A própria madeira utilizada na construção era elemento de distinção social, sendo comuns nos sobrados brasileiros (como nas casas-grandes) as madeiras de lei, o pau-ferro, o pau d’arco, o pau-amarelo e o cedro indígena (FREYRE, 2006, p. 332).

*“Quem quizer comprar huma morada de cazas de sobrado, de duas braças de frente, acabadas a 3 mezes, bem construídas de boas madeiras, bem repartidas, com quintal e bom poço com muito boa agoa, e com muitos bons commodos, as quaes são na rua nova da Princeza; fale com seu dono que mora na Cidade nova, rua do Sabão, passando a caza de Manoel Joaquim do Carmo para a banda do mangue a segunda caza (...).”* *Diário do Rio de Janeiro*, 19 jan. 1822.

Ainda em relação ao material empregado na construção dos sobrados, é importante ressaltar o uso do azulejo, muito comum em Recife e em São Luís do Maranhão. Segundo Freyre, foi no Recife que o sobrado de azulejo alcançou

maior esplendor – influência dos mouros, a qual chegou ao Brasil por intermédio dos portugueses (FREYRE, 2006, p. 312).

Outra influência dos sobrados do Recife, especialmente os mais antigos, que permaneceram na paisagem urbana do século 19, foi a holandesa: as empenas laterais dos edifícios, os telhados extremamente inclinados, a construção mais estreita (Idem, *ibid.*, p. 272-273). Essa influência, no entanto, foi contestada por alguns historiadores da arquitetura brasileira, como Carlos Lemos, para quem esses sobrados são de origem portuguesa, estando ligados à cidade do Porto, onde existem construções muito semelhantes (LEMOS, 1996, p. 34). Aderbal Jurema, em seu texto *O sobrado na paisagem recifense*, defende a tese apresentada por Freyre, de a prioridade do sobrado magro do Recife caber ao holandês – o primeiro a erguer edificações desse tipo –, sem deixar de observar, no entanto, que em Lisboa já havia, de fato, sobrados magros de dois e três andares (JUREMA, 1952, p. 46).

No Recife, essas habitações possuíam três ou quatro andares, algumas chegando a cinco e até seis pavimentos (FREYRE, 2006, p. 306). De acordo com uma descrição de James Fletcher e Daniel Kidder, o armazém e a senzala ficavam no andar térreo e, o escritório, no pavimento superior; o terceiro e quarto andares eram destinados à sala de visitas e aos quartos de dormir; o quinto andar, às salas de jantar; e o sexto, à cozinha. Acima do sexto andar, às vezes existia um mirante, de onde se observava a cidade (FLETCHER; KIDDER, 1941, p. 247-249). Esse tipo de estruturação arquitetônica naquele período só foi possível porque se tratava de uma sociedade escravocrata – era o escravo que transportava a água, a carne e tudo mais que fosse necessário para o preparo dos alimentos até o sexto andar, onde se situava a cozinha (FREYRE, 2006, p. 311).

Na capital da Bahia, os sobrados também atingiram quatro ou cinco pavimentos, sendo mais comuns, no entanto, as construções de um ou dois andares. Spix e Martius viram, em Salvador, sobrados de três e até cinco pavimentos, em sua maioria construídos de pedra (SPIX; MARTIUS, s. d., p. 157).

Os sobrados de Salvador eram casas que se fechavam contra a rua, com seus quintais de palmeiras e tamareiras; eram casas com vistas para o mar (FREYRE, 2006, p. 272). Sobrados altos, de telhado chato; (Idem, *ibid.*, p. 422); ou casarões quadrados com varanda na frente (Idem, *ibid.*, p. 315). Junto das construções havia áreas ajardinadas nas quais sobressaíam as árvores de fruto.

No Rio de Janeiro, os sobrados possuíam de dois a três andares – segundo a descrição dos viajantes; alguns chegavam a quatro pavimentos. Seu programa de necessidades era normalmente constituído por sala de visitas, varanda (ou sala de jantar), alcovas, cozinha e estábulo (Idem, *ibid.*, p. 319).

As críticas dos europeus em relação às construções do Rio de Janeiro não eram poucas. Sublinhava-se o fato de serem malventiladas, de não possuírem a leveza necessária às residências implantadas nos países quentes, a falta de proporção entre a altura e a largura – considerada muito exígua, a ausência de alinhamento. Aos olhos do estrangeiro, as casas apareciam “*espremidas entre a colina e o mar*” (FREYRE, 2006, p. 325).

Em São Paulo, os sobrados de taipa possuíam, em média, dois pavimentos – como é possível verificar em parte considerável das fotografias tiradas por Militão Augusto de Azevedo, ainda em meados e em fins do século 19. Nas sacadas e nas venezianas predominava o tom esverdeado, e, já no século 19, os sobrados exibiam



vidraças. Os beirais dessas construções tinham largura suficiente apenas para proteger os transeuntes (e as paredes de taipa) da chuva (Idem, *ibid.*, p. 309-310).

De acordo com Carlos Lemos, as casas urbanas paulistanas dos primeiros séculos, de um modo geral, não possuíam o corredor interno que ligava a rua ou a sala da frente às dependências posteriores. A casa era composta por cômodos em sucessão, de passagem obrigatória. Outra característica dessas construções era o “armazém” – “*nome que davam ao sótão, espaço sob as telhas-vãs, provido de pequenos vãos de iluminação rasgados entre o assoalho e o frechal, tendo como altura cerca de 1,20 m*”. Lemos lembra também dos sobrados decorrentes da declividade do lote (LEMOS, 1996, p. 41-2). Esta última observação foi acentuada, do mesmo modo, por Gilberto Freyre, o qual afirmou que, por vezes, as casas eram híbridas: “*meio lanço de sobrado e meio lanço térreo*”; outras vezes apresentavam assobradada apenas uma camarinha (FREYRE, 2006, p. 310). Existe uma discordância, entretanto, com relação à existência do corredor, pois o sociólogo afirma que “*todas tinham seu corredor, seus compartimentos de taipa de mão, suas câmaras e camarotes*”. (Idem, *ibid.*, p. 310)

Em São Paulo, como no Recife, no Rio de Janeiro e em Salvador, os sobrados eram habitados pelas pessoas mais ricas da sociedade (antigos aristocratas ou novos burgueses), passando a simbolizar o tipo de habitação mais civilizada nos trópicos:

*“Não eram poucos os brasileiros da primeira metade do século XIX para quem a gente boa, o casal de bem, a família bem constituída segundo a ortodoxia patriarcal, devia residir, nas cidades, em sobrado ou casa assobradada, deixando para os indivíduos socialmente menos sólidos as casas térreas de qualquer espécie. Alguns apologistas do sobrado como residência da gente de bem partiam de considerações higiênicas, a que não eram estranhas preocupações de classe, de raça e de status patriarcal; outras partiam francamente de preocupações sociais impregnadas de patriarcalismo. (...)*

(...)

*Essa concepção – a de que o sobrado ainda patriarcal e já burguês é que representava a melhor ou mais alta civilização brasileira, ao findar o século XVIII e começar o XIX – parece ter sido geral entre os homens esclarecidos da época. Não só brasileiros como europeus do norte da Europa – estes, quase todos, impregnados até à alma de noções burguesas e urbanas de civilização.”* (Idem, *ibid.*, p. 420-421)

A “*casa-nobre de cidade*” ou o sobrado, “*antes senhoril que burguês*”, foi, aos poucos, diminuindo de volume e de complexidade social, com as senzalas se transformando em quartos para criados ou dependências – enquanto “*engrossavam as aldeias de mucambos e de palhoças*” nas proximidades dessas construções (Idem, *ibid.*, p. 270).

### O mucambo

*“(...) built of stakes of bamboo, & C., interwoven with pliant twigs. These net-like walls are built double, and the intertices are filled up with mud and clay. The roof is thatched with palm leaves, and this is frequently finished previous to the walls being commenced, so as to preserve the earthen walls from destruction by rain during the process of building (...).”* (WETHERELL, James apud Freyre, 2006, p. 423)

Os mucambos eram as construções mais simples, normalmente situadas em áreas alagadiças ou em terrenos pouco valorizados. Internamente, possuíam uma sala junto da entrada, um ou dois quartos, às vezes um corredor e, ao fundo, a sala de jantar. O termo é de origem africana (mu + kambo) e significa “esconderijo” (FREYRE, s. d., p. 20).

No século 19, havia mucambos de influência indígena e mucambos de influência africana. Os primeiros eram cobertos por duas ou três camadas de sapé – uma boa proteção contra a chuva e o calor, segundo Gilberto Freyre. Já os mucambos de influência africana eram cobertos com palha de coqueiro – material que seria tão utilizado quanto as palmas de carnaúba em palhoças rurais, de praia ou mesmo de cidade (FREYRE, 2006, p. 298).

Além da diferenciação de acordo com a influência (indígena ou africana), o sociólogo ressalta a variação de natureza regional, “*conforme o material empregado na sua construção – folha de buriti, palha de coqueiro, palha de cana, capim, sapé, lata velha, pedaços de flandres ou de madeira, cipó ou prego*”, sendo essa variação ainda mais notável que a própria diferenciação pelo tipo – mais africano ou mais indígena de mucambo (Idem, *ibid.*, p. 347).

Para Gilberto Freyre, quando o mucambo estava implantado em terreno seco e enxuto, com a cobertura dupla resguardando-o da chuva, era mais higiênico, por exemplo, que o sobrado ou a casa térrea, em virtude da iluminação e ventilação que proporcionava aos cômodos internos (Idem, *ibid.*, p. 301).

Sem querer fazer a apologia do mucambo e reconhecendo seus problemas, Gilberto Freyre afirma que, pela qualidade do material ou mesmo pelo plano de sua construção, o mucambo corresponde melhor ao clima tropical que muitos sobrados, sendo, melhor, inclusive, que a maior parte das casas térreas, de porta e janela, habitadas pelo pequeno burguês. Aventa, ainda, a hipótese que, se fosse higienizado, se tivesse saneamento e piso, seria uma solução inteligente, ecológica e econômica para o problema habitacional do Nordeste; uma solução em consonância com o ambiente, o clima e a paisagem (Idem, *ibid.*, p. 348-349).

Mas enquanto os habitantes do sobrado eram burgueses e aristocratas, o habitante do mucambo era o negro, o caboclo, o pardo livre, o “*próprio branco integrado na situação social de caboclo*” (Idem, *ibid.*, p. 350).

Para o olhar estrangeiro, como o de Andrew Grant, as “classes inferiores” habitavam as casas térreas, cabanas e mucambos (Idem, *ibid.*, p. 422). Mesmo o brasileiro desdenhava o mucambo:

*“Grande parte do desdém do brasileiro ‘progressista’ pela casa de palha ou pelo mucambo – sob vários aspectos, habitação boa para o meio tropical – parece vir do fato de ser o mucambo ou a palhoça um tipo de habitação associado durante séculos a classe, raça e região consideradas inferiores e das quais, muitas vezes, provém o ‘progressista’ ou ‘reformador’ ansioso de desembaraçar-se das marcas dessas origens.”* (Idem, *ibid.*, p. 504)

Os mucambos persistiram de modo bastante expressivo em algumas localidades, como Recife, chamando a atenção de fotógrafos, pintores, escritores e outros profissionais e artistas nas primeiras décadas do século 20, como demonstrou José Tavares Correia de Lira (LIRA, 1998). A permanência desse tipo de habitação na paisagem explica-se não apenas pelo agravamento do problema

habitacional nas cidades ou pelos antagonismos sociais existentes, mas também pelo tipo de material empregado e pela técnica construtiva elementar.

### O sobrado e o mucambo

Do sobrado, Gilberto Freyre afirma que, de início, foi um pouco mucambo:

*“(...) As coberturas de capim ou sapé parecem ter sido gerais, nos primeiros tempos; de sapé teriam sido cobertas as próprias casas dos colonos mais ricos dos primeiros tempos; em São Paulo, as casas das câmaras, as igrejas, os edifícios mais nobres. As primeiras casas-grandes, os primeiros sobrados, foram um pouco mucambos, na sua primeira fase: cobertos de sapé.” (FREYRE, 2006, p. 298)*

E dos mucambos, afirma que alguns foram um pouco sobrados:

*“Também se ergueram mucambos-sobrados, isto é, com sótão ou primeiro andar; imitação ainda mais ousada de arquitetura patriarcal e européia, por parte de negros e pardos livres, que os numerosos mucambos com alpendre à frente ou ao lado. Mas foi talvez o alpendre patriarcal (...) o elemento mais ostensivo de enobrecimento de mucambos em habitações patriarcais (...)” (Idem, ibid., p. 414)*

Na comparação entre o sobrado e o mucambo, uma das maiores críticas de Gilberto Freyre em relação ao primeiro diz respeito às alcovas – ou quartos sem janelas, desprovidos, portanto, de luz natural e ventilação adequada –, as quais tinham a finalidade de resguardar a mulher, a menina, a moça, do exterior, da rua. Todavia, em uma situação na qual as casas eram implantadas no alinhamento de lotes estreitos e sem recuo lateral (com as paredes das construções vizinhas colocadas lado a lado), não havia a possibilidade de abrir janelas nos dormitórios. A sala dava para a rua, e, a cozinha, para o quintal (como é comum ainda hoje nas residências horizontais urbanas). Dessa forma, sem o isolamento da casa no terreno, os quartos não poderiam apresentar aberturas em uma época em que as técnicas construtivas ainda eram rudimentares no Brasil. É possível que essa solução arquitetônica fosse antes de cunho construtivo do que social – embora seja necessário considerar também as influências culturais na produção desse tipo de habitação.

Isolado das construções vizinhas estava o mucambo, implantado nas áreas alagadiças e menos valorizadas. Mas não era apenas a existência do alpendre ou de um sótão ou primeiro andar que indicavam uma semelhança entre o mucambo e o sobrado ou as casas térreas. A própria forma de distribuição interna dos cômodos era semelhante à das casas térreas e sobrados, com a sala na frente, dormitórios (nesse caso, com aberturas laterais) e corredor na parte central da habitação e varanda (ou sala de jantar) nos fundos, junto da cozinha. Em termos de disposição dos cômodos internos, os mucambos se assemelhavam às construções urbanas erguidas com material construtivo de melhor qualidade.

Ao olhar arguto do sociólogo, não passaram despercebidas as diferenças de localização do sobrado e do mucambo no espaço urbano. Aos antagonismos sociais corresponderam um antagonismo de qualidade de material – as pessoas mais ricas habitando as construções com elementos mais duradouros em sua composição – um tipo menos “vegetal de casa”, em comparação à habitação dos mais pobres (Idem, ibid., p. 299), e um antagonismo de situação ou de localização da casa – o mucambo sendo implantado na “zona-lama, mangue,

*beira de riacho*”; o sobrado, nas melhores áreas urbanas (Idem, *ibid.*, p. 349-350). Gilberto Freyre relaciona o tipo de habitação ao local em que está implantado. Compara o sobrado ao mucambo, anota semelhanças e diferenças, justifica uma hierarquia, considera o entorno, os habitantes, a sociedade, o período histórico.

### Casas térreas

*“(...) a casa térrea: meio-termo entre o sobrado e o mucambo; entre o palácio de rico e a palhoça de pobre ou miservável.”* (FREYRE, 2006, p. 555)

Na hierarquia dos tipos de habitação, a casa térrea ficava no entremeio – entre o sobrado e o mucambo –, correspondendo a um tipo intermediário de habitação caracteristicamente brasileiro, que aparecia nos anúncios de jornal *“sob a forma de ‘casas térreas para pequenas famílias’, de ‘casas de porta e janela’, de ‘sobrados pequenos’. Sinal de que não foram de todo insignificantes”* (FREYRE, 2006, p. 53).

*“Quem quizer comprar huma morada de cazas térreas na rua de Santa Luzia nº 4, de 3 portas, com bastantes commodos para huma familia; dirija-se a rua da Quitanda, entre a rua do Ouvidor e a do Rozario no loja de Sirigueiro de Manoel Carneiro de Souza.”* *Diário do Rio de Janeiro*, 07 jan. 1822.

*“Vende-se humas casas térreas, em chão próprio, sitas no principio da ladeira da Soledade; quem as quizer comprar, dirija-se a fallar na Loja da Gazeta, que se lhe dirá quem as vende.”* *Idade d’ouro do Brazil*, 14 ago. 1818.

*“Quem quizer comprar duas moradas de cazas terrias no lugar dos Martírios, dirija-se a rua Direita casa nº 187 (...) que lá achará com quem tratar.”* *Diário de Pernambuco*, 08 jun. 1827.

As casas térreas eram habitadas pela pequena burguesia, composta por *“artífices ou pequenos negociantes europeus recém-chegados ao Brasil, por brancos de casa-grande empobrecidos e por gente de cor, bem-sucedida nas artes e nos ofícios manuais”*. Eram construções de baixas dimensões, erguidas ao nível do solo, cobertas com telha, possuindo um número pequeno de janelas (de rótulas em vez de vidraças) e, em sua maioria, destituídas de assoalho (FREYRE, 2006, p. 297-298). Internamente, o mesmo sistema de distribuição dos cômodos: sala na frente, alcova e corredores na área central e cozinha nos fundos. A sala, arejada, e *“o resto da casa, úmido, escuro”* (Idem, *ibid.*, p. 327).

Esse casario médio, como denominou o sociólogo, influía na *“beleza do ‘prospecto’ ou do conjunto urbano”* (Idem, *ibid.*, p. 555). Compunha a paisagem ao lado dos sobrados e quase em contraste com o mucambo – construção horizontal ainda mais simples e estigmatizada como habitação das classes inferiores.

### O sobrado de esquina

São poucas as anotações de Gilberto Freyre referentes ao sobrado de esquina. Assinala apenas que representava *“o máximo de aproximação entre o patriarcalismo em declínio e a rua já triunfal”*, o *“fim da fase de grande distância”* entre a rua e o sobrado (Idem, *ibid.*, p. 36).

Nestor Goulart Reis Filho acrescenta pouco a essas observações:

*“As variações mais importantes apareciam nas casas de esquina. Tendo a possibilidade de aproveitar duas fachadas sobre a rua, alteravam em parte o esquema de planta e telhado, menos para inovar, do que para conseguir o enquadramento de ambas nos modelos tradicionais.”* (REIS FILHO, 1970, p. 26)

Havia aberturas nas duas faces voltadas para a rua – como se observa em diversas fotografias de meados e fins do século 19. Os quartos eram, então, iluminados e ventilados? O sobrado de esquina apresentava essa vantagem em relação aos outros sobrados? Qual era a diferença no que diz respeito à forma de distribuição interna dos cômodos? Se representavam *“o máximo de aproximação entre o patriarcalismo em declínio e a rua”*, quem eram os habitantes dos sobrados de esquina? Eram essas construções preferidas ou preteridas em relação aos sobrados com apenas uma fachada voltada para a rua?

Os sobrados de esquina, pode-se dizer, não representavam uma ruptura ou uma exceção em relação ao sobrado tradicional; eram, antes, uma variação desse tipo habitacional, em função de sua disposição ou situação na quadra urbana.

### O chalé

*“Só no século XIX viriam certas modas européias de casa quebrar a uniformidade portuguesa – a moda do florentino, do gótico e principalmente do chalet. O chalet, este incorporou-se de tal modo à paisagem regional que em alguns trechos venceu a casa acachapada de quatro águas.”* (FREYRE, s. d., p. 19)

Gilberto Freyre associa o aparecimento dos chalés na época em que se instalaram, nas cidades brasileiras, aos europeus os quais trabalhavam como operários e artífices, ainda nas primeiras décadas do século 19. Segundo Freyre, os chalés foram substituindo as casas do antigo estilo colonial, já acomodado à paisagem – casas quadradas, com telhados de quatro águas e beiral com as pontas arrebitadas à maneira do Oriente (FREYRE, 2006, p. 455).

As próprias casas de engenho foram influenciadas pela europeização da arquitetura (do plano e da técnica), com muito sobrado largo substituído por chalé esguio (Idem, *ibid.*, p. 455).

De acordo com Nestor Goulart, o chalé era um modelo arquitetônico que resultava da intenção de adotar-se as características de residências rurais construídas em madeira, típicas de algumas regiões européias, particularmente a Suíça, sendo uma solução de *“sentido romântico”* (REIS FILHO, 1970, p. 157-158).

Segundo a caracterização do historiador, era uma casa implantada no centro do lote, com telhados de duas águas, cujas empenas se voltavam para os lados menores (frente e fundos) e, as águas, para os lados maiores (as laterais) – em sentido contrário ao da tradição luso-brasileira. Tal disposição da cobertura exigia um afastamento da construção em relação aos limites laterais do terreno, uma vez que os beirais (característicos desse tipo de habitação) avançavam cerca de 50 cm sobre as paredes, impossibilitando o contato direto com as construções vizinhas – como era comum nas casas urbanas do período colonial. As águas dos telhados eram bastante inclinadas (como nos países onde neva), e o emprego da madeira era vasto – nos pisos, forros, portas e janelas, no arremate dos telhados, com peças decoradas (Idem, *ibid.*, p. 158).

*“Por chalé passou-se portanto a entender, no Brasil, um esquema de residência com acabamento romântico, sugerindo habitação rural montanhosa da Europa, mas com variações que incluíam um uso mais freqüente de madeira, paredes de tijolos aparentes, equipamentos de ferro fundido, como colunas, grades e alpendres e até mesmo revestimento com elementos decorativos de inspiração greco-romana.”*  
(Idem, *ibid.*, p. 159)

Enfim, o chalé era tipo de construção de influência nitidamente européia em contraposição ao sobrado tradicional da primeira metade do século 19, difundido, inicialmente, nas capitais e, em seguida, pelo interior.

### O cortiço

Além de analisar o mucambo, Gilberto Freyre talvez seja um dos primeiros estudiosos a dar atenção aos cortiços do ponto de vista do tipo de habitação. Uma de suas observações mais importantes diz respeito à preferência do proletariado europeu ao cortiço, em detrimento do mucambo:

*“Com a maior urbanização do país, viriam os cortiços, preferidos aos mucambos pelo proletariado de estilos de vida mais europeus.”*  
(FREYRE, 2006, p. 299)

O mucambo era habitado por descendentes de índios e africanos, pessoas que aceitavam morar em construções cobertas por folhas de palmeiras ou sapé – pode-se pensar até em herança cultural, de modo de vida. Por piores que fossem os cortiços, eram, no entanto, preferidos aos mucambos pelos estrangeiros.

A origem do cortiço, para Gilberto Freyre, poderia estar no Recife holandês, onde as condições topográficas comprimiram a população e verticalizaram a arquitetura. Nessa cidade, entretanto, as conseqüências anti-higiênicas dos cortiços teriam sido atenuadas pela existência de dois grandes rios que banhavam e serviam a cidade – toda ela praticamente plana e sem morros a criarem as bases naturais para altos e baixos sociais (Idem, *ibid.*, p. 299).

Já a origem do esquema de implantação do cortiço horizontal (não o vertical, de sobrado), de acordo com Nestor Goulart, pode estar nas estalagens ou hospedarias, como aquela descrita por Saint-Hilaire em seus relatos de viagem:

*“Indicaram-me a hospedaria de um indivíduo conhecido por Bexiga, que tinha mesmo em São Paulo, vastas pastagens. Para essa hospedaria me dirigi. (...) Fizeram entrar meus animais num terreno lamacento, cercado de um lado por um fosso e dos outros dois lados por pequenas construções, cujas numerosas portas davam para o referido terreiro. Essas construções eram os quartos ou aposentos destinados aos viajantes.”* (SAINT-HILAIRE apud REIS FILHO, 1970, p. 60; v. SAINT-HILAIRE, 1976, p. 121)

O fato é que, no ano de 1869, só a cidade do Rio de Janeiro possuía 642 cortiços, com 9.671 quartos habitados por 21.929 pessoas (FREYRE, 2006, p. 301). Cortiços horizontais e sobrados transformados em cortiços. Depois de 1888, esse tipo de habitação aumentou ainda mais de densidade:

*“Assenhoreou-se de muito sobrado velho. De muito morro. O destino dos sobrados maiores tem sido este: transformarem-se, os mais felizes em armazéns, hotéis, colégios, pensões (...). Os outros, em cortiços (...).”* (Idem, *ibid.*, p. 301)

Em 1893, a Comissão de Inspeção das Habitações Operárias e Cortiços no distrito de Santa Efigênia, apresentou um relatório em que eram definidos os vários tipos de cortiço da cidade de São Paulo: os sobrados convertidos em cortiços; o “hotel-cortiço”, segundo a comissão, espécie de restaurante no qual a população operária se aglomerava à noite para dormir em aposentos reservados ou em dormitórios comuns; a “casinha”, com prédio independente e frente para a via pública, apenas considerada cortiço por seu “destino e espécie de construção”; e o cortiço propriamente dito, ocupando uma área no interior do quarteirão, muitas vezes no quintal de uma venda (v. LEMOS, 1998, p. 24-26). Nesse caso, um portão lateral marcava a entrada de um corredor estreito e comprido que conduzia a um pátio com três ou quatro metros de largura. Para esse pátio, abriam-se “*as portas e janelas de pequenas casas enfileiradas, com o mesmo aspecto, com a mesma construção, as mesmas divisões internas e a mesma capacidade*”. Essas casas não possuíam mais de três metros de largura e seis metros de fundo; eram, geralmente, assoalhadas e forradas na sala e nos quartos. A cozinha, entretanto, não possuía assoalho, nem forro, nem mesmo ladrilhos, segundo a Comissão de Inspeção (v. LEMOS, 1998, p. 24-25).

Essa estrutura espacial assemelhava-se à de alguns cortiços das grandes cidades européias, com espaços livres exíguos – onde se lavava roupa e criavam-se animais – e uma única latrina para mais de uma dezena de pessoas (FREYRE, 2006, p. 351).

*“Enquanto isso, havia na área urbana gente morando em casas assobradadas, com cafezais e matas, águas e gado dentro dos sítios.”*  
(Idem, *ibid.*, p. 351)

#### Casas de sítio e casas de chácara

O termo “sítio” pode designar tanto o “*estabelecimento agrícola de pequena lavoura*” como a “*moradia rural ou chácara nas imediações da cidade*”. A chácara é definida como uma “*pequena propriedade campestre, em geral perto da cidade, com casa de habitação*”, a “*casa de campo*” ou o “*terreno urbano de grandes dimensões, com casas de moradia, jardim, horta, pomar, etc.*” (FERREIRA, 1999, p. 450, 1.867) O próprio sociólogo passa de uma denominação a outra, alterando apenas a localização geográfica:

*“Essas casas de sítio, com capela, baixa de capim, muita árvore de fruta, olho-d’água ou cacimba de onde se vendia água à gente mais pobre da vizinhança, existiam também nas imediações do Rio de Janeiro e do Recife. Os anúncios de jornal estão cheios delas. No Recife, dos últimos anos da era colonial e dos primeiros da Independência, as casas-grandes de sítio floresceram menos como residências do ano inteiro do que como casas de verão, onde os moradores mais ricos, sem se afastarem muito dos seus sobrados da cidade, iam passar a festa e fazer suas estações de água, tomando banho de rio e chupando caju para limpar o sangue. Modificado, o costume prolongou-se até o fim do século XIX.*

*Eram em geral casas de um pavimento só, como as chácaras paulistas. Edifícios de quatro águas, como as casas de engenho. Protegiam-nos terraços acachapados ou copiares. As árvores mais comuns nessas casas do Norte eram as goiabeiras, os araçazeiros, os*

*cajueiros, as laranjeiras, os coqueiros; depois se generalizaram as mangueiras, as jaqueiras, as árvores de fruta-pão.*” (FREYRE, 2006, p. 308)

Não obstante as variações de significação, na hierarquia dos tipos de moradia, tanto a casa de sítio como a casa de chácara estariam entre a casa-grande de engenho e o sobrado urbano.

Na cidade de São Paulo, as chácaras tiveram prestígio social acima dos sobrados de residência. Eram o tipo de habitação preferido pelos paulistas mais ricos, pois preservavam, nessa vida semi-urbana, o sabor da vida rural (FREYRE, 2006, p. 307).

*“Alluga-se ou vende-se uma chácara perto da cidade, com grande casa de morada, rancho e pasto para animaes e quintaes plantados de arvoredos &c. &c. Quem a pretender, dirija-se á esta typographia.”* Correio Paulistano, 25 ago. 1854.

*“Vende-se uma chácara no lugar denominado Pary com muito boa casa de taipas bem repartida com grande plantação, (...) com dois grandes potreiros para animaes passando-lhe por dentro o rio Tamanduatehy (...).”* Correio Paulistano, 22 nov. 1854.

As casas de sítio ou de chácara conservaram, nas proximidades das áreas urbanas, alguns benefícios das casas de engenho ou de fazenda. Eram cercadas por vastos jardins, com árvores de fruto e parreirais. Segundo Gilberto Freyre, o sítio foi o ponto de confluência do sobrado e da casa de engenho – as duas especializações de habitação patriarcal e arquitetura paisagística no Brasil. Na arquitetura, a casa de sítio ou de chácara foi antes casa de fazenda que de cidade, antes horizontal que vertical, antes casa assobradada que sobrado, sendo sua massa quase um cubo, de acordo com o sociólogo (FREYRE, 2006, p. 322-323).

Característica bastante comum a essas construções, tanto no Nordeste como no Sul do país, foi o alpendre, a varanda em frente da casa, sustentada por pilares (Idem, ibid., p. 323).

*“Os estudiosos da arquitetura sempre encontram nas regiões meridionais, como as do Levante, o uso de um abrigo colocado do lado externo das habitações: a galeria mouresca, a ‘loggia’ italiana e a varanda brasileira aqui representada. É muito natural que com uma temperatura que atinge às vezes 45° de calor, sob um sol insuportável durante seis a oito meses no ano, o brasileiro tenha adotado a varanda nas suas construções (...).”* (DEBRET, 1978, p. 200-201)

As casas de sítio ou de chácara eram construções mais amplas que o sobrado implantado nas cidades; casas de paredes grossas, às vezes com dois, três palmos de largura, mais arejadas que o sobrado urbano patriarcal (FREYRE, 2006, p. 324).

Levando-se em consideração a qualidade de vida dos moradores e a salubridade da habitação, a casa de sítio ou de chácara era moradia melhor que o sobrado na hierarquia dos tipos – uma residência mais ampla, com jardins, situada em terreno de maiores dimensões. Em relação à casa-grande de engenho, tinha a vantagem de estar localizada nas proximidades da cidade. Nas áreas semi-urbanas, correspondia ao extremo oposto do mucambo e do cortiço – os tipos de habitação mais precários do oitocentismo.



## CONCLUSÃO

Em *Sobrados e mucambos*, Gilberto Freyre contrapõe o sobrado ao mucambo, o cortiço ao mucambo, a casa térrea, o chalé e a casa de sítio ou de chácara ao sobrado urbano patriarcal – o sobrado de esquina aparece apenas como uma variação daquele último. É importante ressaltar que o período de investigação do sociólogo abrange a primeira metade do século 19 – embora diversas observações e considerações sejam tecidas em relação à segunda metade desse século.

Na cidade, o sobrado era, segundo a sociedade da época, o melhor tipo de habitação, em oposição ao mucambo – moradia das “classes inferiores”; a casa térrea ficava no entremeio, entre o sobrado e o mucambo. O chalé, no entanto, outro tipo de construção horizontal, quando aparece no cenário urbano, não é tão desprezado como a casa térrea, devido a seu aspecto europeizado.

Ampliando-se o recorte espacial, quase nos limites da área urbana, ou ultrapassando-os, encontrava-se a casa de chácara ou de sítio, esta sim apresentando muitas vantagens em relação ao sobrado urbano, não obstante sua horizontalidade. Mas não era apenas a construção em si que a tornava mais apreciada, tanto pelos brasileiros mais ricos como pelo olhar estrangeiro. O terreno mais amplo, a existência de jardins, hortas e pomares, a proximidade dos cursos d’água, a paisagem do entorno faziam com que fosse o tipo de habitação (semi-urbana) de maior prestígio.

Com a obra *Sobrados e mucambos*, Gilberto Freyre introduziu entre nós a necessidade de estudar-se não apenas os grandes edifícios – projetados por arquitetos de renome –, mas a casa – elemento fundamental na composição do espaço e da paisagem urbana; não apenas a casa mais requintada, mas a construção mais humilde: o mucambo, o cortiço, a favela. Ensinou a importância da análise da casa para a compreensão da sociedade brasileira. Ao contrapor uma casa com a outra, a maior com a menor, ambas com o entorno, com o local onde foram implantadas, deu lições da tipologia edificatória mais genuína, que está além da análise formal do edifício, e considera o entorno, os jardins, os espaços livres (a rua, a beira-mar), a hierarquia dos tipos, o período histórico, a sociedade.

A leitura do texto de Gilberto Freyre é, sob muitos aspectos, uma leitura densa. Mas, independentemente das críticas em relação à sua obra, é inegável o fato de proporcionar um conhecimento mais aprofundado (e imprescindível) da sociedade brasileira e de suas formas urbanas (semi-urbanas e até mesmo rurais, se pensarmos em *Casa-grande e senzala*) de morar.

## BIBLIOGRAFIA

- CORREIO PAULISTANO. São Paulo: Arquivo do Estado, 1854.  
DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Edusp, 1978.  
DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. São Paulo: FFLCH-USP, 1822.  
DIÁRIO DE PERNAMBUCO. São Paulo: Fundação Joaquim Nabuco/Acervo IEB-USP, 1927.  
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

- FLETCHER, James C.; KIDDER, Daniel. *O Brasil e os brasileiros*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. 16. ed. São Paulo: Global, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Mucambos do Nordeste*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, s. d.
- \_\_\_\_\_. *Oh de casa!* Recife: Artenova/Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Casa grande & senzala*. 2. ed. Rio de Janeiro: Schmidt, 1936.
- GAZETA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1808.
- JUREMA, Aderbal. *O sobrado na paisagem recifense*. Recife: Nordeste, 1952.
- LEMONS, Carlos. *História da casa brasileira*. São Paulo: Contexto, 1996.
- \_\_\_\_\_. Os primeiros cortiços paulistanos. *Habitação e cidade*. São Paulo: FAUUSP/Fapesp, 1998.
- IDADE D'OURO DO BRAZIL. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1911 e 1818.
- LIRA, José Tavares Correia de. A cidade em preto-e-branco e a cor local. *Habitação e cidade*. São Paulo: FAUUSP/Fapesp, 1998.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo*. São Paulo: Edusp, 1976.
- SPIX & MARTIUS. *Viagem pelo Brasil*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, s. d.

**Obs.:**

Este trabalho resulta de pesquisa desenvolvida com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

**Nota do Editor**

Data de submissão: julho 2008

Aprovação: fevereiro 2009

---

**Solange de Aragão**

Arquiteta, urbanista, mestre e doutora pela FAUUSP e pós-doutoranda pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – Departamento de História.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

Departamento de História

Avenida professor Lineu Prestes, 338. Cidade Universitária

05508-900 – São Paulo, SP

(11) 3091-8594

solangedearagao@hotmail.com